

**SIMULAÇÃO DE NEGÓCIOS COMO METODOLOGIA DE ENSINO-
APRENDIZAGEM: A EXPERIÊNCIA DO CURSO TÉCNICO EM
ADMINISTRAÇÃO DO IFMG CAMPUS RIBEIRÃO DAS NEVES****BUSINESS SIMULATION AS A TEACHING-LEARNING
METHODOLOGY: THE EXPERIENCE OF THE TECHNICAL
COURSE IN ADMINISTRATION OF THE IFMG CAMPUS RIBEIRÃO
DAS NEVES**

370

Sandro Patrício de Ananias¹
Pedro Marinho Sizenando Silva²
Cássia do Carmo Pires Fernandes³

Resumo: As metodologias vivenciais têm sido recomendadas como necessárias à construção autônoma do aprendizado. Desta forma, este trabalho descreve a implantação da metodologia da Empresa Simulada em um curso técnico em administração e levantou as percepções positivas e negativas, dos estudantes envolvidos, em relação à aprendizagem. Para tanto, utilizou-se de um estudo de caso, com a análise de grupos focais e Relatos de Experiência. Os resultados apontaram que, apesar de algumas diferenças metodológicas no desenvolvimento das atividades, houve ganhos significativos na aprendizagem das práticas necessárias aos egressos deste curso bem como o desenvolvimento de aspectos comportamentais importantes para a entrada no mercado de trabalho, o que evidencia a efetividade da Empresa Simulada como metodologia de aprendizagem vivencial.

Palavras-chave: Educação profissional. Metodologias vivenciais. Empresa simulada. Aprendizado.

¹ Mestre em Administração pelas Faculdades Pedro Leopoldo (FPL). Coordenador do Curso de Bacharelado em Administração do IFMG/Campus Ribeirão das Neves. Professor EBTT do IFMG/Campus Ribeirão das Neves. E-mail: sandro.ananias@ifmg.edu.br.

² Doutor em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFMG). Coordenador da Pós-graduação em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional do IFMG/Campus Ribeirão das Neves. Coordenador Geral dos Cursos Superiores do IFMG/Campus Ribeirão das Neves. Professor EBTT do IFMG/Campus Ribeirão das Neves. E-mail: pedro.silva@ifmg.edu.br.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa/CNPq em Espaços Deliberativos e Governança Pública e do grupo Política e Sociologia da Educação (UFJF). Professora EBTT do IFMG/Campus Ponte Nova e no curso de Pós-graduação Lato Sensu em Docência no IFMG Campus Arcos. E-mail: cassia.pires@ifmg.edu.br.

Recebido em 20/05/2020
Aprovado em 15/06/2020

Abstract: Experiential methodologies have been recommended as necessary for the autonomous learning construction. In this way, this work describes the implementation of the Simulated Company methodology in an administration technician course and raised the positive and negative of the involved students' perceptions in relation to learning. For that, we used a case study, with the analysis of focus groups and Experience Reports. The results showed that, despite some methodological differences in the development of activities, there were significant gains in learning the practices necessary for graduates of this course as well as the development of important behavioral aspects for entering the job market, which shows the Simulated Company effectiveness as an experiential learning methodology.

Keywords: Professional education. Experiential methodologies. Simulated company. Learning.

INTRODUÇÃO

A educação profissional de nível técnico ganhou maior impulso no Brasil a partir do ano de 2008, com a promulgação da Lei 11.982 que criou a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica que passou a se constituir de cinco instituições de ensino, entre elas, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), os quais tinham como objetivo ofertar educação profissional e tecnológica em diferentes modalidades de ensino, conjugando desta forma, conhecimentos técnicos e tecnológicos com suas práticas pedagógicas.

Atualmente, há 38 Reitorias de IFs espalhadas por todas as regiões do país, responsáveis por comandar diversos campi e campi avançados, ofertando desde cursos técnicos de nível médio até cursos de mestrado *Stricto Sensu*. Um destes campi é o de Ribeirão das Neves, pertencente ao IF Minas Gerais (IFMG). Neste campus é ofertado, entre outros, o Curso Técnico em Administração integrado ao ensino médio, voltado desta forma, a alunos oriundos do 9º ano do ensino fundamental, composto em sua maioria de jovens entre 14 e 15 anos.

Como ensino técnico, pressupõe-se que alunos com ele envolvidos, aprendam o saber tecnológico e tenham o conhecimento que moldura a técnica, ou seja, o ato de fazer. Isto quer dizer que um dos objetivos da educação profissional técnica é formar indivíduos que saibam aplicar na sua vida produtiva as práticas inerentes à sua profissão. Cabe ressaltar aqui que somente o saber fazer não é suficiente para uma formação completa do profissional. É preciso uma formação plena, que integre as dimensões técnica e humana.

Desta forma, esse objetivo deve envolver práticas pedagógicas que permitam aos alunos o desenvolvimento de habilidades técnicas, humanas e conceituais. Contudo na perspectiva de muitos estudiosos da educação, os métodos de ensino ainda têm se pautado pelo formato tradicional e bancário, no qual o professor está no centro do processo como disseminador do conhecimento e os alunos como mero expectadores e receptores de conteúdos, o que dificulta a aprendizagem significativa. O uso de metodologias que colocam o aluno como ator principal de seu aprendizado e o docente como mediador, como as simulações e as vivências, têm sido recomendadas (GRAMIGNA, 2007; VIERA JUNIOR, 2019; REIS *et al*, 2005) para que seja possível a construção autônoma do conhecimento e das práticas profissionais.

Com este objetivo, o IFMG Campus Ribeirão das Neves implantou, em 2019, no 3º ano do Curso Técnico em Administração integrado ao ensino médio, a metodologia vivencial da Empresa Simulada, fornecida pela unidade de educação do Sebrae Minas. Era preciso, após a execução da metodologia, avaliar como foi realizada sua implantação e os resultados alcançados segundo seus protagonistas, os alunos.

Desta forma, este trabalho, por meio do estudo de caso de caráter fenomenológico, descreveu o processo de implantação e analisou o conteúdo de grupos focais e Relatos de Experiência realizados com os alunos, a fim de levantar se a implantação seguiu as recomendações do fornecedor e as percepções positivas e negativas dos alunos em relação à aprendizagem, evidenciando assim a efetividade da metodologia vivencial para a aprendizagem em um curso técnico de nível médio.

ASPECTOS CONCEITUAIS

Educação Profissional e os Institutos Federais

A educação brasileira de nível profissional tinha como foco, até 1982, em que pese as várias modificações ocorridas aos longos dos anos, suprir as necessidades do mercado de trabalho em termos de mão de obra. A partir da Lei nº 7.044/82, de acordo com Menezes (2004, p. 67), os fundamentos deste modelo de educação foram alterados. Segundo o autor, as determinações desta legislação não quebraram o vínculo formal profissional com o mercado, mas direcionavam para uma nova preocupação com a formação para o trabalho e com a força

produtiva das relações emprego/profissão, isto é, era necessário, a partir de então, educar para a vida produtiva e responsável e não para uma tarefa, principalmente diante de um cenário de redemocratização que se iniciava no Estado brasileiro.

Esta ideia ganhou impulso a partir da década de 1990, a qual foi marcada pelo incremento das tecnologias no mundo do trabalho, pela disseminação das informações por meio da internet e pela reorganização empresarial. Bísaro *et al.* (2004, p. 168) afirmam que “O mercado passa a exigir profissionais competentes, proativos a mudanças, flexíveis, dotados de iniciativa e criatividade para lidar com problemas inesperados, capazes de exercer com proficiência a comunicação escrita e oral e dispostos a aprender cada vez mais...” ou seja, o contexto econômico exigia novos profissionais e estes deveriam possuir competências básicas que os auxiliassem na sua empregabilidade. Segundo Carvalho (2003), o cenário daquela época era o de uma sociedade centrada no crescimento sem emprego e para tanto, os indivíduos deveriam desenvolver habilidades como a identificação e resolução de problemas e a criação de estratégias.

Face a este cenário, é promulgada, em 1996, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que em seu artigo 39, dispõe que “A educação profissional integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva.” Desta forma, a nova legislação propôs que a Educação Profissional passasse da simples preparação para a execução de tarefas, a um conjunto de habilidades capazes de proporcionar ao indivíduo uma compreensão ampla do processo produtivo no qual ele se insere. Ao mesmo tempo, este indivíduo deve apreender o processo tecnológico e valorizar a cultura do trabalho e a tomada de decisões.

De acordo com Fernandes (2019), a dimensão da educação profissional na LDB de 1996 surge logo nos artigos 1º e 2º e que, diante dos demais artigos que tratam do tema, “fica evidente a importância do trabalho representado na LDB numa perspectiva que articula uma formação geral para a vida e para o mercado, estreitando, a princípio, a relação entre educação e qualificação profissional”. Ela ainda completa afirmando que a educação de nível profissional foi inclusa, com mais detalhes, a partir de 2008 com as alterações proporcionadas pela Lei 11.741. Esta, redimensionou, institucionalizou e integrou as ações da educação profissional técnica de nível médio e de outras modalidades de educação para adultos.

Foi neste contexto, em 2008, que a educação profissional obteve ainda mais impulso a partir do fortalecimento da Rede Federal de Educação, com a Lei 11.892 que criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF). Os IF's caracterizam-se por estruturas multicampi e pluricurriculares, com autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didática e científica, voltados para a educação profissional e técnica, tanto básica quanto superior (IFMG, 2019). De acordo com Oliveira (2019), o modelo dos IF's está alicerçado na verticalização do ensino, no qual docentes atuam em diferentes níveis de ensino, enquanto os alunos compartilham os espaços educativos diversificados. Ainda segundo o autor, “A concepção dos Institutos Federais, nesse quadro, está assentada no ideário de integração que possibilite a formação plena do indivíduo [...] procurando atender a uma formação abrangente e flexível voltada mais para o mundo do trabalho[...]” (OLIVEIRA, 2019, p. 39).

Tendo como um dos seus muitos objetivos, de acordo com o artigo 7º da Lei 11.892/08, “ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos”, atualmente os IF's estão presentes em todos os Estados da Federação e contam com 38 Reitorias, cada uma responsável por vários campi e campi avançados. Em Minas Gerais, são cinco IF's, entre eles o IFMG, e 65 unidades de educação vinculadas a eles (BRASIL, 2020).

Entre os campi do IFMG, está o de Ribeirão das Neves, de mesmo nome da cidade onde se localiza. O IFMG Ribeirão das Neves, teve seu funcionamento autorizado em 2013 e iniciou a educação profissional de nível técnico em 2017, com a abertura dos cursos técnicos em Administração, Eletroeletrônica e Informática, todos integrados ao ensino médio regular. Neste sentido, como todo o IFMG, seu objetivo é a formação e qualificação de profissionais orientados ao desenvolvimento tecnológico de novos processos, produtos e serviços, a partir do ensino associado à pesquisa e à extensão. Além disso, vale ressaltar, que de acordo com a Lei 11.892/08, 50% das vagas dos IF's devem ser priorizadas para a educação profissional técnico de nível médio para oriundos do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos (EJA).

Perspectivas pedagógicas

O ensino técnico profissionalizante, como o ofertado no IFMG Ribeirão das Neves, exige um fazer pedagógico que proporcione aos discentes o contato com a prática profissional. Entretanto, de acordo com Reis *et al* (2005), a tradição do ensino é desenvolver-se a partir de métodos expositivos, com tecnologias que pouco proporcionam a interação com e entre os alunos, além de não ofertar uma aprendizagem motivadora, que possibilite reflexões e assimilações práticas. Para Pinheiro, De Matos e Bazzo (2007), a forma como o ensino de várias disciplinas é apresentada tem gerado questionamentos. Há muito foco no abstrato, no quantitativo, no rigor e isso tem causado, em sala de aula, um discurso que coloca o ensino, além de muito acadêmico, longe das experiências dos discentes. Tal fato torna difícil a formação crítica do contexto social. Vieira Junior (2019) também vai ao encontro da mesma ideia quando defende que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) afirmam que o aprendizado não deve, entre outras coisas, se resumir à exposição dos envolvidos, no processo educacional, ao discurso dos docentes.

Desta forma, para estes autores, somente a teoria, como base do processo educativo, não auxilia na formação crítica, criativa e autônoma, tão necessária para a tomada de decisões e resolução de problemas em um contexto profissional globalizado, tecnológico, de mudanças rápidas e altamente competitivo, que requer habilidades e competências para lidar com a complexidade. É preciso, segundo Vieira Junior (2019, p.18), que o processo educativo, principalmente no ensino técnico profissional, se realize “pela participação ativa de cada um e do coletivo educacional numa prática de elaboração cultural”, dando assim significado ao aprendizado. Para tanto, abordagens pedagógicas contextualizadas, como as metodologias vivenciais ou ativas, tais como projetos, problemas, simulações, jogos, visitas técnicas, entre outras, ancoradas a conhecimentos prévios, podem levar, de acordo com Vieira Junior (2019), citando autores como Piaget, Vygotsky, Dewey, Stein, Novak e Ausubel, a aprendizagem mais significativa.

De forma diferente do ensino teórico, centrado nos docentes, a práxis vivencial ou ativa busca um maior envolvimento dos discentes nas tomadas de decisões, ou seja, há participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem. De acordo com Ferreira e Silva (2016), de uma forma geral, os processos das abordagens ativas ocorrem em sala de aula e são pensados para que os discentes envolvidos se sintam estimulados ao processamento, aplicação, integração e compartilhamento de experiências. Nesta perspectiva, a aplicação de metodologias vivenciais

de ensino muda o comportamento tanto dos docentes e dos discentes envolvidos. Para Pinheiro, De Matos e Bazzo (2007), o papel dos docentes passa a ser o de articulador entre teoria e prática, permitindo que os alunos mobilizem os saberes, desenvolvam os processos e realizem os projetos, estabelecendo assim as ligações entre o conhecimento adquirido e o pretendido, tudo isso com o fim de resolver situações-problemas. Reis *et al* (2005) corroboram com De Matos e Bazzo (2007) ao afirmarem que a aprendizagem por meio da vivência permite ao aluno a prática da análise e da tomada de decisões. Desta forma, ele pode extrair uma descoberta e aplicar as suas conclusões, desenvolvendo assim habilidades que o capacitam a intervir na realidade de forma crítica e responsável. Segundo os autores, este tipo de prática pedagógica dá significado, sentido à aprendizagem, de forma a apropriá-la na vida do aluno.

Empresa Simulada como estratégia de ensino-aprendizagem

De acordo com Gramigna (2007), uma das várias metodologias de aprendizagem vivencial é a simulação. Para a autora, a simulação constitui-se de uma determinada situação em que um cenário, criado de forma fictícia, representa exemplos da realidade, possibilitando assim a reprodução do dia a dia, do cotidiano. Ela afirma que “simulação designa qualquer atividade que retrate ou modele a realidade” (GRAMIGNA, 2007, p.11).

Ferreira e Silva (2016) complementam afirmando que tanto a simulação quanto outras técnicas, como os jogos simulados e de empresa, ao atuarem com a reprodução da realidade, possibilitam aos participantes (no caso do ensino técnico, os alunos), o trabalho com tentativas e erros, além de enfrentarem desafios e tomarem decisões. Desta forma, a simulação como técnica vivencial proporciona resultados que não são frutos do aleatório e sim, são consequências das ações e decisões durante o processo.

É neste contexto que se apresenta a Empresa Simulada, na qual os alunos são inseridos em um cenário virtual que dramatiza a realidade empresarial. Neste sentido, tal dramatização exige que os discentes coloquem em prática os conceitos administrativos de marketing, finanças, recursos humanos, contabilidade entre outros, levando-os à tomada de decisões para obtenção do resultado empresarial: o lucro.

A Empresa Simulada é uma metodologia exclusiva da Unidade de Educação Empreendedorismo e Cooperativismo do Sebrae Minas, destinada a escolas de ensino médio

tradicional, de ensino médio técnico e de ensino superior. Tal metodologia é coordenada no Brasil pelo Centro Brasileiro de Empresas Simuladas (Cesbrasil), que presta apoio logístico-funcional a todas as entidades brasileiras que a utilizam. Consiste na simulação de práticas que ocorrem de maneira real dentro de empresas de diversos setores, permitindo aos alunos vivenciarem o dia a dia das práticas empresariais. “São negócios que devem sobreviver e dar lucro, comprando e vendendo como uma empresa real; porém, tudo acontece em um ambiente simulado” (CESBRASIL, 2020).

Para tanto, a Empresa Simulada utiliza uma plataforma virtual exclusiva, na qual são realizados os procedimentos de compra e venda de produtos e serviços entre as Empresas Simuladas de todo o Brasil e também do exterior (aquelas que possuem módulo de negociação internacional), emissão de notas fiscais, recebimentos e pagamentos de contas (compras de fornecedores e despesas operacionais), além do controle de caixa e bancos. Em paralelo, o Cesbrasil oferece uma série de planilhas de controles que são utilizadas pelos alunos para efetuar a administração do negócio. Importante ressaltar que todo o processo é acompanhado por um professor tutor, que estabelece as metas a serem alcançadas e acompanha o desenvolvimento do projeto, orientando os procedimentos e tomadas de decisões.

Além disso, para implantação da Empresa Simulada, o Cesbrasil recomenda uma configuração adequada para o desenvolvimento da metodologia. A entidade, em sua proposta para implantação, propõe que as turmas de alunos devem ser divididas em empresas de no mínimo 11(once integrantes), deve haver um espaço que simule um escritório empresarial, com disponibilidade de 11 (once) estações de trabalho (mesas, computadores e cadeiras), impressora, telefone e mesa para reuniões, além de comunicações via *Skype*.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A fim de cumprir os objetivos deste trabalho, utilizou-se o estudo de caso de caráter fenomenológico, tendo como unidade de análise a turma do 3º ano do Curso Técnico em Administração integrado ao ensino médio, do IFMG Campus Ribeirão das Neves. Partiu-se da descrição da implantação da Empresa Simulada, explicitando como se deu a inserção da simulação de negócios na turma, suas características e estrutura, juntamente com um

levantamento de quais, na opinião dos alunos envolvidos, foram os aspectos positivos e negativos na aprendizagem a partir da metodologia vivenciada.

Para Collins e Hussey (2005), o estudo de caso é considerado um exame extensivo de determinado fenômeno de interesse e que é exemplo de metodologias qualitativas de pesquisa. Para os autores, há um evento único, que eles consideram como a unidade de análise, a qual as evidências e o problema da pesquisa se referem e sobre a qual, também, são coletadas e analisadas as informações. De acordo com Yin (2005), uma das características do estudo de caso é ter como objetivo não só explorar determinados eventos, mas também compreendê-los em um certo cenário.

Nos estudos fenomenológicos, Roesch (1999) afirma que são observados os diversos significados que os indivíduos determinam às suas experiências, a partir do que acreditam e valorizam. Os estudos qualitativos podem, entre outros objetivos, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais e, que os dados são coletados nas situações em que os fenômenos são construídos (DIEHL, 2004). Assim, como as metodologias vivenciais são processos dinâmicos e sociais, os alunos mergulham na experiência, envolvendo-se emocionalmente com as tarefas desempenhadas (MALUMA e MONTALVO, 2002). Se esforçam, desta forma, para extrair significados desta experiência, enquanto também fazem com seja significativa, possibilitando que seus resultados sejam utilizados em outras ocasiões, sendo apreendidos. Nesse sentido, justifica-se o uso da metodologia acima descrita.

Para a coleta dos dados utilizou-se uma série de métodos, já que segundo Yin (2005), uma outra característica dos estudos de caso é a possibilidade de uso de métodos múltiplos para a busca de informações, sejam eles qualitativos ou quantitativos. Collins e Hussell (2005) afirmam que geralmente, nos estudos de caso, é mais interessante a metodologia que combine a busca de dados a partir de arquivos, entrevistas, questionários e observações.

Desta forma, para a descrição do cenário de implantação da Empresa Simulada, foi utilizada a observação participante. Neste caso, o professor orientador da metodologia e responsável pela implantação do projeto no curso descreveu como o processo foi realizado, descrição esta que foi transcrita neste trabalho.

Já para o levantamento das percepções dos alunos envolvidos com a Empresa Simulada, foram utilizadas as técnicas do Grupo Focal e do Relato de Experiência (RE). Tais técnicas têm, em sua essência, o trabalho com conteúdos que possam ser interpretados e não quantificados,

objetivo esse dos estudos fenomenológicos. Malhotra *et al.* (2005) considera que a técnica do grupo focal é a mais importante entre os procedimentos de pesquisa qualitativa. Segundo o autor, o objetivo principal do método é obter percepções que interessam ao pesquisador. Mazza, Melo e Chiesa (2014) afirmam que o método do grupo focal, em síntese, tem como objetivo a interação entre pesquisados e pesquisador e possibilita respostas consistentes por que são elaboradas por várias pessoas num mesmo espaço, o que permite que a ideia de uma auxilie na lembrança e construção da ideia de outra.

O Relato de Experiência (RE) corresponde a técnica de descrever, em texto e de modo preciso, uma certa experiência vivenciada. Segundo a UFJF (2017), o RE apresenta as motivações e as ações tomadas diante de determinado cenário e as considerações significativas que a vivência proporcionou a quem participou da mesma. Além disso, deve trazer reflexões e ponderações com base nesta vivência. Apesar da pouca força política do uso do RE em pesquisas científicas, conforme Daltro e Faria (2019, p.2), visto que há uma predominância dos métodos cartesianos/positivistas com foco em generalizações, o RE é de fundamental importância enquanto “performatiza através da linguagem a experiência do um, não enquanto centralidade estável, mas na condição de ponto de abertura e análise crítica”. Segundo autores, considera-se no RE, ações de conexão e memória, a construção de um fato pela pessoa que o relata, trazendo à tona suas competências associativas e reflexivas. A experiência, essa “fonte inesgotável de sentidos e possibilidades” é, portanto, o objeto de análise do RE, sendo este, invariavelmente, o resultado de fenômenos pelos quais passou o relator em certo momento da sua vida (DALTRO e FARIA, 2019). Assim, foram realizados, em dias alternados, dois grupos focais com 12 participantes cada e solicitados aos 37 alunos da turma participante⁴ um RE, composto de Introdução, Conceituação da Empresa Simulada, Descrição da Experiência e Considerações Finais.

A metodologia de análise dos instrumentos utilizados consistiu na técnica da Análise de Conteúdo de grade aberta. Tal técnica parte da descrição do conteúdo das mensagens obtidas pelo pesquisador para se obter inferências sobre conhecimentos e/ou verificar teorias ou hipóteses estabelecidas pela pesquisa. Para tanto, deve-se transcrever as informações coletadas nos instrumentos de pesquisa e posteriormente, classificar palavras, frases, temas ou parágrafos

⁴ Uma das alunas evadiu-se do curso durante o ano.

em unidades de análise definidas pelos pesquisadores, as quais devem ser agrupadas ou categorizadas em um determinado conceito. Roesch (1999, p. 170) defende que o importante é que essas categorias correspondam a uma redução dos dados coletados, passíveis de interpretações e conclusões. Vergara (2005) classifica as categorizações em três tipos, sendo uma delas a grade aberta. Nesta classificação, o agrupamento é definido durante o andamento da pesquisa e da análise, sendo flexível a ponto de permitir alterações até que se chegue a um conjunto final. Desta forma, cabe ao pesquisador, durante os trabalhos, identificar temas presentes nas informações que estejam de acordo com os objetivos da pesquisa.

Neste sentido, a gravação dos grupos focais foi transcrita para que fosse possível a análise de forma mais apurada e os RE foram lidos. Posteriormente à leitura da transcrição das entrevistas e do RE, foi possível a identificação das categorias “Conhecimento da Empresa Simulada”, “Teoria e prática”, “Percepção de problemas e aprendizado”, “Percepções sobre a realidade do mercado”, “Trabalho em equipe”, “Importância das funções”, “Feira de Negócios”, “Visão de Futuro”, “Visão crítica dos processos”, “Aprendizados individuais” e “Pontos que dificultaram a vivência”. A partir de então, foram retirados dos textos palavras, frases e parágrafos que se identificassem com as categorias, levando-se em consideração a exaustão, a exclusividade, a objetividade e a pertinência preconizada por Vergara (2005) e então, interpretadas. Para a apresentação dos resultados, os alunos foram classificados em gênero e numerados de 1 a 38 de acordo com a lista de frequência do professor, excluindo a aluna de número 7.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A Empresa Simulada no Curso de Administração

A implantação da Empresa Simulada no Curso Técnico em Administração integrado ao Ensino Médio do IFMG Campus Ribeirão das Neves ocorreu no ano de 2019, na turma do 3º ano do curso, dentro das disciplinas “Desenvolvimento do Projeto Integrador” e “Empreendedorismo e Inovação”. O professor responsável por estas disciplinas atuou como o tutor da simulação. A carga horária total de simulação por semana era de 1 hora e 40 minutos e no ano, de 60 horas. A turma continha 38 alunos, sendo 6 homens e 32 mulheres, de idade entre

17 e 18 anos. A turma foi dividida em 3 empresas, sendo uma empresa com 12 e duas empresas com 13 integrantes. Os negócios escolhidos pelos alunos eram do setor de comércio. Uma delas tinha como objetivo a revenda de tênis de três marcas famosas do ramo esportivo, a outra focou na revenda de artigos *geeks* (camisetas e canecas relacionadas a séries televisivas) e outra na revenda de cosméticos de formulação vegana. Todos os negócios foram decididos com base em *brainstormings* e depois avaliada a viabilidade por meio de modelagem de negócios. Neste caso, os participantes de cada empresa decidiram em conjunto quais seriam os produtos a serem comercializados e prepararam um portfólio prévio com imagens, descrição e preços de mercado.

Posteriormente, dentro de cada empresa, os alunos foram selecionados para trabalhar em áreas funcionais distintas, sendo elas finanças, compras e estoques, vendas, marketing, recursos humanos e gerência, áreas estas recomendadas pelo Cesbrasil. Esse processo, comandado pelo professor tutor, envolveu o preenchimento de fichas de solicitação de empregos com currículo e justificativa do por que deveriam ser contratados para determinada função. Com base na percepção do professor tutor, os integrantes de cada empresa foram selecionados para os cargos. A partir de então, cada setor foi orientado com relação ao conteúdo e tarefas do cargo e a desenvolver a análise de viabilidade dos negócios. Todo o processo foi acompanhado pelo professor tutor que realizou as intervenções necessárias.

Após o estudo de viabilidade e com todas as etapas necessárias à alimentação do sistema da Empresa Simulada já realizada, os alunos foram treinados a utilizar a plataforma. Coube ao professor tutor a explicação em sala de aula de todo o processo de configuração da plataforma.

As empresas iniciaram suas atividades em 01 de abril de 2019, quando passaram a alimentar a plataforma com as informações necessárias ao funcionamento, como cadastro de produtos, cadastro de fornecedores, cadastro de funcionários e despesas operacionais. Após todos os cadastros, as empresas foram ativadas para o mercado.

Na fase de operação, os alunos atuaram de acordo com as tarefas de cada cargo, tanto dentro da plataforma da Empresa Simulada quanto fora dela, como a função de Recursos Humanos, que utilizou a plataforma apenas para cadastrar os funcionários e salários. As demais tarefas foram realizadas externamente à plataforma, com o uso de planilhas eletrônicas. Importante ressaltar que os demais cargos não utilizaram as planilhas eletrônicas de controle sugeridas pelo Cesbrasil. Como controle, foram estimuladas a utilizar a plataforma de ERP

MarketUp. Desta forma, poderiam ter relatórios mais eficazes e de forma mais rápida para a tomada de decisões.

A estrutura utilizada inicialmente pelas empresas foi o laboratório de informática do campus Ribeirão das Neves, que contava com 40 computadores, todos juntos em um mesmo espaço, o que contrariava a recomendação do Cesbrasil, conforme já indicado. Além disso, não houve a disponibilização de impressora no local e nem telefone. Desta forma, todas as empresas funcionavam no mesmo horário e no mesmo espaço, e não houve uma caracterização de escritório empresarial. Nesta estrutura, o professor tutor atuava explicando como deveria ser o trabalho, de uma forma geral, expositiva a todos os alunos e depois, individualmente, percorria o laboratório atendendo às demandas de cada setor das empresas.

Em um segundo momento, devido a utilização do laboratório de informática por outras disciplinas do Campus Ribeirão das Neves, foi necessário a mudança de local de funcionamento. Desta forma, o professor tutor precisou dividir as empresas por horários de funcionamento e os alunos passaram a utilizar o espaço da biblioteca, com menos computadores, mas adequado para o funcionamento de uma só empresa por vez, mas ainda sem telefone, impressora e a adequação empresarial. Nesta estrutura, já era possível uma orientação por parte do professor tutor de maneira mais individualizada. Entretanto, as falhas na infraestrutura de redes de internet prejudicaram as operações das empresas, fazendo com que muitos alunos precisassem terminar suas tarefas em outros locais fora da empresa.

Em um último momento, a partir do mês de setembro de 2019, as empresas passaram a funcionar, no regime de horários diferenciados, no espaço modular do campus, espaço este com adequação de escritório empresarial e disponibilidade de 10 (dez) estações de trabalho e mesa de reunião, mas ainda sem a impressora e telefone.

Ainda como prática da Empresa Simulada, as empresas foram instigadas a realizar duas feiras de apresentação dos trabalhos no próprio campus Ribeirão das Neves. Nestas feiras, era permitido a venda simulada de produtos e serviços. Neste caso, as empresas foram deixadas livres para estabelecer toda a estrutura dos stands, bem como a forma de comunicação e venda dos produtos.

A simulação foi encerrada em novembro de 2019, com o levantamento de todas as informações de comercialização das empresas e a elaboração de relatórios gerenciais que foram discutidos com os alunos em sala de aula. Neste caso, foram levantados os pontos responsáveis

pelos resultados econômico-financeiros e discutidos possíveis alternativas que durante a execução poderiam ter modificado os resultados. Cabe ressaltar também que durante a execução foram realizados dois rodízios dos cargos, o qual proporcionou a participação dos alunos em funções diferentes.

Percebe-se pelo relato do caso acima, que a implantação da metodologia não seguiu exatamente todas as recomendações do Cesbrasil no que diz respeito a estrutura física, ao uso de planilhas de controle e ao rodízio completo de cargos. Entretanto, esses fatos não impediram que os alunos vivenciassem as práticas da Empresa Simulada e que pudessem, a partir delas, avaliar seus aspectos positivos e negativos na aprendizagem.

Avaliação da aprendizagem a partir da metodologia vivenciada

Os resultados encontrados na categoria *Conhecimento da Empresa Simulada e Teoria e Prática* mostram que os alunos envolvidos tiveram, com bastante clareza, o entendimento do que consistia a metodologia da Empresa Simulada. Ao serem indagados sobre o que era a Empresa Simulada, todos souberam definir com as próprias palavras o que perceberam na prática. Também perceberam que a vivência aliou toda a teoria vista em dois anos e no próprio ano de aplicação da metodologia, 3º ano do curso, com a prática, ou seja, a percepção de que ela refletia o conhecimento teórico dos anos anteriores. Tais fatos mostraram-se de fundamental importância para o aprendizado. Os alunos consideraram que aprender apenas a teoria poderia prejudicar a aplicação prática no mercado de trabalho, que sem a Empresa Simulada aprenderiam somente a teoria e que a prática mostrou que “não é tudo lindo e maravilhoso” (Aluna 2). Além disso, “...aplicabilidade da teoria à realidade, o contato com a mesma e a possibilidade de ser operador de certas ações é enriquecedor para o aluno. De modo que o aprendizado é facilitado uma vez que o aluno possui maior liberdade e autonomia para errar e aprender.” (Aluno 10)

Segundo os alunos participantes, na categoria *Percepção dos problemas e aprendizagem*, o surgimento dos mais diversos problemas durante a execução das atividades mostrou a realidade enfrentada pelas empresas. Problemas como desavenças entre integrantes da equipe, erros de execução e planejamento, não cumprimento de prazos, entre outros, proporcionou, o sentimento de responsabilidade, amadurecimento, segurança,

comprometimento e certeza de que irão, no mercado real, encontrar dificuldades que devem ser encaradas e solucionadas.

“Foi bom passar por problemas porque se a gente não tivesse, tivesse sido tudo perfeito, a gente não saberia agir. A gente ficou quase dois meses sem vender. A gente abriu a empresa, gastou capital, comprou produto, contratou pessoas, pagou salário, mas não vendia, não tinha retorno. Só gastava. E a gente comprou produto demais. E se não tivesse acontecido isso, se tivesse tudo dado certo desde o início quando a gente tivesse que abrir uma empresa ou até mesmo trabalhar para uma pessoa, aí tem problemas por que uma empresa real tem problemas, a gente ia ficar impactado, sem saber resolver. Então quando a gente tem um problema, é a forma que a gente aprendeu a resolver.” (Aluna 3)

Foi possível perceber ainda, na categoria *Percepções sobre a realidade do mercado* que os alunos conseguiram identificar, a partir da execução das tarefas, aspectos inerentes à realidade do mercado de trabalho e de competição entre as empresas, principalmente, questões a respeito do relacionamento interpessoal. Para eles, o que aconteceu na prática também ocorre no mercado real, como pode ser visto nas falas da Aluna 14, “A gente vive em sociedade. Em qualquer ambiente que a gente for, se a gente não souber respeitar as diferenças pessoais e assumir, a gente não vai pra frente” e da Aluna 20 “Essencial isto ter acontecido, das diferenças por que a gente não vai estar com amigos no mercado de trabalho”.

Tais resultados mostram também a existência de um certo modelo mental por parte destes alunos em relação ao mercado de trabalho e ao ambiente das empresas fora do contexto da escola. Os acontecimentos da Empresa Simulada reforçaram o que eles, em princípio, já conheciam, o que melhora o aprendizado sobre determinado tema. De acordo com Vieira Junior (2019a), ao rever e aprimorar os modelos que utiliza para explicar ou descrever determinado acontecimento, significa que o aluno aprendeu a partir de informações adicionais e novas perspectivas e que estas foram inclusas no modelo mental que ele possuía.

Um dos pontos mais relevantes nas informações coletadas foi a menção ao trabalho em equipe, que originou a categoria *Trabalho em Equipe*. Foi possível perceber que os alunos entenderam a importância do trabalho conjunto dentro de uma organização para a execução das tarefas de forma sistêmica e também que, mesmo com opiniões contrárias, o consenso deve prevalecer para que o grupo desempenhe de forma efetiva as ações. Segundo Reis *et al.* (2005), em seus resultados sobre a Empresa Simulada, a habilidade de maior índice de desenvolvimento foi o relacionamento interpessoal, o que demonstra que a metodologia tem atingido os seus

objetivos de incentivo e desenvolvimento do trabalho em equipes, objetivos estes fundamentais para o mercado de trabalho. Um dos exemplos pode ser verificado na fala do Aluno 30.

“No quesito da equipe proposta para tal atuação no mercado foi muito bom para entendermos que cada indivíduo/funcionário tem o seu ponto de vista, contudo estão ali para um mesmo propósito que no caso é a criação de uma empresa, deixando desta forma suas indiferenças de lado para uma melhor qualidade de serviço, visto que isso é uma base para podermos entrar no segmento de trabalho no mundo atual” (Aluno 30)

385

Um outro ponto que chamou atenção foi a consciência da necessidade da ajuda do outro para o aprendizado. Segundo os relatos, a troca de cargos fez com que um aluno precisasse do outro para aprender a trabalhar em determinada função e perceberam a importância da ajuda mútua em um trabalho de equipes e exercitaram a cultura de colaboração.

Observou-se também, a partir da categoria *Importância das funções*, que para os alunos, a execução das tarefas em cada uma das funções pelas quais passaram, em que pese não terem atuado em todas, proporcionou o aprendizado do conteúdo presente em cada uma delas e do funcionamento sistêmico de uma organização, pois para eles, uma depende da outra para que a empresa atue de forma eficiente no mercado. Fala da Aluna 25, “[...] como cada coisa funciona, já que se aprende muito mais. [...] pois concluo o técnico com mais entendimento sobre os setores de uma empresa, sem contar que agora se, com clareza, quais setores me identifico mais e consigo trabalhar melhor, e quais não gosto e não sou produtiva”, e do Aluno 12, “[...] foi aprender mais de uma função, pois demonstra que existe uma inter-relação que todos os afazeres são importantes para a empresa, assim como deixar de fazer sua tarefa individual pode prejudicar não somente ao grupo de mesma função, como outros caros”, ilustram tal categoria.

É possível perceber, desta forma, que ao exercer os diversos cargos dentro da Empresa Simulada, os alunos experimentaram situações diversas em que precisaram se adaptar e enfrentar dificuldades e isso, na maioria das vezes, é a realidade das organizações de verdade.

A realização das feiras de negócios durante a aplicação da metodologia foi outro assunto bastante comentado pelos alunos, culminando na categoria *Feira de Negócios*. Segundo relatos, as feiras foram consideradas como os pontos mais reais da simulação, por que nelas, tinham contato com clientes, face a face, e puderam colocar em prática as funções de planejamento, organização e, principalmente, vendas. Para eles, as duas feiras tiveram papel muito importante para o aprendizado, como pode ser visto nas falas da Aluna 17, “De fato, as duas feiras que

fizemos foi quando mais trabalhamos e mais aprendemos. Desde o processo de planejamento da feira, a sua execução até os serviços após ela” e da Aluna 18, “Por que é a vida real né? A gente aprende a lidar com os clientes”.

Outra categoria originada a partir das informações foi a *Visão de futuro*. De acordo com a maioria dos alunos, as experiências vivenciadas e o aprendizado a partir delas será permanente em suas vidas profissionais e contribuirá de forma efetiva para a atuação futura no mercado de trabalho. As falas do Aluno 33, “[...] agregando assim uma grande experiência profissional e criando uma bagagem para nós alunos que em breve estaremos ingressando no mercado”, da Aluna 26, “[...] foi uma experiência que iremos levar para resto de nossas jornadas, porque abriu os nossos olhos para, o enfoque do que, o mercado de trabalho espera-se do que sabemos e fazemos” e da Aluna 7, “Além de que é uma grande preparação para o mercado de trabalho, contando que através disso você está mais preparado do que uma pessoa, que não teve a vivência nenhuma com este meio”, mostraram que eles se sentem seguros em relação a estas consequências. Isto quer dizer que a Empresa Simulada cumpriu mais uma vez seu objetivo de formação profissional técnica.

Já com relação à categoria *Visão crítica dos processos*, os alunos também expuseram problemas que dificultaram o trabalho e atuação das empresas no mercado simulado. Entre eles estão a falta de acesso à internet em várias ocasiões durante o ano e o mal funcionamento de alguns computadores, o que não permitia, segundo eles, execução dos processos no tempo destinado à simulação e prejudicava as empresas. Além disso, o uso de e-mails para a divulgação da empresa e de seus produtos não funcionou adequadamente. De acordo com os alunos, as melhores ferramentas foram as redes sociais, em virtude do público-alvo ser jovens de idade entre 15 e 20 anos, que não possuem o hábito de visualizar e-mails e sim utilizar redes sociais. Tal fato também prejudicou o desempenho das empresas. Neste sentido, é interessante notar que os alunos perceberam que as dificuldades afetam o desempenho organizacional, que isso é muito comum no mercado real e deve ser enfrentado.

Há que se observar também, que apesar da maioria apontar as categorias anteriores como comuns, destaca-se nos RE, que são individuais, vários aprendizados pontuais, ou seja, particulares e ligados mais à parte comportamental do desenvolvimento humano do que às teorias administrativas. Pode-se explicitar aqui o saber lidar com situações amplas e diversas, processo de montagem da empresa, dificuldade em tomar decisões, cautela na tomada de

decisões, importância das atitudes e da responsabilidade perante os desafios, como tratar os erros, melhoria na comunicação, paciência com problemas externos e com os grupos, entre outras.

“Outro ponto que achei muito interessante foi a forma como ocorreu a contratação dos funcionários e a distribuição dos cargos, não imaginei que seria algo tão real, onde teríamos que assinar contrato, preencher currículo e ter uma série de burocracias para cumprir, esse processo me trouxe um conhecimento novo; como nunca tinha passado por essa experiência antes, não conseguia entender muito bem qual a necessidade de tantas informações e por que...” (Aluna 15)

387

Por fim, em relação a aplicação da metodologia, os alunos observaram alguns pontos que a dificultaram, o que originou a categoria *Pontos que dificultaram a vivência*. Tais pontos foram a execução com todas as empresas ao mesmo tempo e em um mesmo local (laboratório de informática), o rodízio incompleto dos cargos e o sistema de gastos dos salários.

No que diz respeito ao trabalho em um só laboratório, os alunos afirmaram que houve socialização demasiada, ou seja, muita dispersão entre os alunos de empresas diferentes, o que provocava dificuldades de concentração para execução dos trabalhos e que a orientação do professor ficou prejudicada, pois o mesmo precisava atender a várias dúvidas ao mesmo tempo, deixando assim alunos ociosos enquanto aguardavam a solução das dúvidas.

Com relação ao rodízio dos cargos, não houve tempo hábil para que todos os alunos vivenciassem todos os cargos disponíveis, o que impediu que eles aprendessem outras funções administrativas.

Já sobre o sistema de gastos de salários, os alunos afirmaram que a obrigação de gastar todo o salário recebido fez com eles optassem por produtos mais caros. Isso fazia com que possuíssem menos contas a pagar, portanto, menos necessidade de operação do sistema de pagamentos individual. Tal fato foi percebido por eles como comum também nas outras empresas externas, pois as organizações que possuíam produtos mais caros eram as líderes do ranking de vendas. Isso corroborou para um menor movimento do sistema de simulação de uma forma geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já afirmado no corpo teórico deste trabalho, a educação profissional de nível técnico tem o objetivo, entre outros tantos, de proporcionar aos indivíduos o domínio de determinada técnica de trabalho, além da compreensão, de uma forma geral, do processo produtivo. Desta maneira, é preciso a apreensão do saber tecnológico e do conhecimento que moldura a técnica, ou seja, o ato de fazer. Para tanto, necessita de metodologias de ensino que consigam levar os alunos muito além das teorias, como as práticas ativas de aprendizagem, sendo a simulação de negócios por meio da Empresa Simulada uma delas.

Este trabalho objetivou mostrar a experiência do IFMG Campus Ribeirão das Neves ao utilizar este tipo de metodologia no 3º ano do Curso Técnico em Administração integrado ao Ensino Médio, abordando como foi a implantação e quais os aspectos positivos e negativos de aprendizado na visão do principal público, os alunos.

Os resultados mostraram que a implantação seguiu a maior parte das recomendações do fornecedor, segundo a proposta entregue no fechamento do contrato, sendo desenvolvida na carga horária de duas disciplinas do curso. Entretanto, a estrutura física de espaços, redes e hardwares não foi seguida como a ideal para a simulação. Além disso, os controles por meio de planilhas foram substituídos pelo controle a partir da inserção de um ERP, sistema este não mencionado pelo fornecedor e houve pouco rodízio de cargos. Em que pese estas alterações, os resultados das entrevistas e dos RE mostraram que tais mudanças afetaram pouco o rendimento da aprendizagem dos estudantes.

A experiência no uso da metodologia ativa no referido curso mostrou-se bastante positiva na opinião dos alunos. Houve muito mais ganhos do que perdas no processo, conforme demonstrado a partir da análise do conteúdo das informações coletadas. Ficou claro o entendimento do conceito da Empresa Simulada e seus objetivos, bem como a aplicação das teorias estudadas nos dois anos anteriores e no ano corrente nas práticas executadas. Tal fato evidencia que os conhecimentos apreendidos nos anos anteriores, foi importante para o processo de formação dos alunos.

A prática da Empresa Simulada também permitiu aos envolvidos aprender a resolver problemas cotidianos em uma organização, a tomar decisões, a trabalhar em equipe, a planejar e organizar vendas, ter visão crítica dos processos e a entender o quanto importante são as funções administrativas, seu conteúdo e sua organização sistêmica.

Além do “saber fazer” das técnicas, observa-se também aspectos de formação pessoal, como desenvolvimento da autonomia, independência, emancipação, empoderamento e autoconfiança. Cabe destacar ainda que os estudantes não só aprenderam, mas ensinaram uns para os outros, desenvolvendo assim a cultura da colaboração. Fica claro a segurança na visão de futuro dos envolvidos quando afirmam que irão levar a experiência para a vida e que entrarão no mercado de trabalho bem mais preparados.

Assim, pode-se ressaltar que a experiência do IFMG Campus Ribeirão das Neves na implantação da Empresa Simulada como metodologia vivencial no 3º ano do curso Técnico em Administração integrado ao ensino médio, apesar de alguns percalços, foi muito bem sucedida nos resultados para a formação do egresso, confirmando assim que a utilização das metodologias de ensino que tem no aluno seu ator principal, tendem a tornar o aprendizado mais efetivo e estimulante.

Cabe ressaltar que, a partir de uma proposta de verticalização do ensino, vocação dos Institutos Federais, é possível estudar a implantação da proposta pedagógica da Empresa Simulada também no Curso Superior de Tecnologia em Processos Gerenciais e no Curso de Bacharelado em Administração, o que permitiria uma visão mais abrangente dos seus resultados nos diferentes níveis de ensino.

REFERÊNCIAS

BÍSCARO, Donizetti. *et al.* A educação Profissional no mundo globalizado: novo desafio. p. 161-174. In: RIVERO, Cléia Maria da Luz. JUNIOR, Waldemar de Oliveira (Orgs.). **Educação Profissional: caminhos na formação do professor**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/rede-federal-inicial/instituicoes>. Acesso em: 17 abr. 2020.

BRASIL: MEC/CNE/CP. Parecer nº 29/2002 (Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional de Nível Tecnológico). Brasília – DF. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/legisla05.pdf>. Acesso em 16 abr 2020.

CARVALHO, Olgamir F. **Educação e formação profissional: trabalho e tempo livre**. Brasília: Editora Plano, 2003.

CESBRASIL. **Empresa Simulada**. Disponível em <http://cesbrasil.com.br/empresa-simulada/>. Acesso em 15 abr. 2020.

COLLIS, J., HUSSEY, R. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

DALTRO, Mônica R.; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Revista Estudos & Pesquisas em Psicologia**. v. 19, núm. 1. jan-abr, 2019, pp. 223-237. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em <https://www.e-ublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015/29664> Acesso em 19.04.20.

DE PRETTO, Fernando N.; ALMEIDA, Fernando C.; FILARDI, Fernando; DE PRETTO, Cristine. **Jogos de Empresas: uma estratégia de motivação no processo de ensino e aprendizagem na teoria das organizações**. XXXII Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://anpad.org.br/admin/pdf/EPQ-A2248.pdf> Acesso em 17 abr. 2020.

DIEHL, Astor A. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FERNANDES, Cássia do C. P. **Legislação e políticas públicas para Educação Profissional e Tecnológica no Brasil**. Apostila (Pós-graduação em Docência). Instituto Federal de Minas Gerais: Arcos, 2019.

FERREIRA, Marta L. A.; SILVA, Mauro B. **Aprendizagem ativa e desenvolvimento de competências: experiências e resultados no Cefet/RJ**. XIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia: Rio de Janeiro, 2016. Disponível em <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos16/13624264.pdf> Acesso em 16 abr. 2020.

GRAMIGNA, M. R. **Jogos de empresa**. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

IFMG. **Plano de Desenvolvimento Institucional**: 2019-2023. Disponível em <https://www.ifmg.edu.br/portal/downloads/pdi-2019.pdf>. Acesso em 16 abr 2020.

MALHOTRA, Naresh K. [et. al]. **Introdução à pesquisa de marketing**. São Paulo: Prentice Hall, 2005.

MALUSA, Silvana.; MONTALVO, Márcia. R. B. S. Novas abordagens de ensino e aprendizagem: possibilidades de inovação no ensino superior. **Comunicações**. Portal Metodista de Periódicos Científicos e Acadêmicos. Programa de Pós Graduação em Educação, 2014. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/1599/990%20acesso%2020.04> Acesso em 16 abr. 2020.

MAZZA, Verônica de A.; MELO, Norma Suely F. de O.; CHIESA, Anna Maria. O grupo focal como técnica de coleta de dados na pesquisa qualitativa: relato de experiência. **Revista Cogitare Enfermagem**. Paraná, Brasil, v. 14. Jan-Mar 2009, pp. 183-188. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/download/14486/9729&hl=pt->

BR&sa=X&scisig=AAGBfm35FFMtsfDqSei1518gyB6lvVSbvW&nossl=1&oi=scholar
Acesso em 19 abr. 2020

MENEZES, Dinara Occhiena. Educação e trabalho: desafios e possibilidades – transpondo os escritos das leis. p. 65-71. In: RIVERO, Cléia Maria da Luz. JUNIOR, Waldemar de Oliveira (Orgs.). **Educação Profissional: caminhos na formação do professor**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2004.

OLIVEIRA, Adilson Ribeiro de. **História e fundamentos sociofilosóficos da educação profissional**. Apostila (Pós-graduação em Docência). Instituto Federal de Minas Gerais: Arcos, 2019.

391

PINHEIRO, Nilcéia A. M.; DE MATOS, Eloiza A. S. Á.; BAZZO, Walter A. Refletindo acerca da ciência, tecnologia e sociedade: enfocando o ensino médio. **Revista Iberoamericana de educación**, núm. 44, 2007, pp. 147-165. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2372352> acesso 20 abr. 2020

REIS, José Roberto; DE MAGALHÃES, Elenice Maria; DIAS, Tereza Cristina; DOS SANTOS, Jorge Alberto; DE FREITAS, Carolina Aparecida. Empresa Simulada: uma estratégia diferenciada no processo ensino-aprendizagem em administração. **REAd - Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, Brasil, vol. 11, núm. 3, mayo-junio, 2005, pp. 1-25 Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401137446010> Acesso em 16 abr. 2020.

ROESCH, Sylvia M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

UFJF. **Instrutivo para elaboração de relato de experiência**. Estágio em Nutrição em Saúde Coletiva. Instituto de Ciências da Vida. Departamento de Nutrição: Juiz de Fora, 2017. Disponível em <http://www.ufjf.br/nutricaoogv/files/2016/03/Orienta%C3%A7%C3%B5es-Elabora%C3%A7%C3%A3o-de-Relato-de-Experi%C3%Aancia.pdf> Acesso em 19 abr. 2020.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de Pesquisa em Administração**. São Paulo, Atlas, 2005.

VIEIRA JUNIOR, Niltom. **Metodologias de ensino e aprendizagem**. Apostila (Pós-graduação em Docência). Instituto Federal de Minas Gerais: Arcos, 2019.

_____. **Ciências cognitivas na educação**. Apostila (Pós-graduação em Docência). Instituto Federal de Minas Gerais: Arcos, 2019a.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.